

“QUE HISTÓRIA É ESSA?”: INQUIETAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA PARAIBANA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA

Dr. Flávio Carreiro de Santana¹

INTRODUÇÃO

A atual proposta de reformulação curricular nacional (BNCC), embora passível de muitas modificações e mesmo sem garantias de ser regulamentada, trouxe para a disciplina de História um antigo vício: o não-lugar do recorte local. De certo, tal como se exige muito mais frequentemente, o recorte local é mais trabalhado nos anos iniciais da educação escolar, ainda durante a idade infantil.

Tal reflexo do pouco crédito assumido pela história local nas salas de aulas também pôde ser observado entre os(as) discentes dos cursos de formação de professores. É sobre essa observação e reflexão que empreendemos nesse trabalho: entender qual a percepção desses futuros(as) professores(as) sobre a importância da história local (no caso a paraibana) no currículo escolar, e na própria formação acadêmica. Afinal, parafraseando Luiz Reznick, qual o lugar da história paraibana na formação pessoal e profissional dos nossos futuros(as) professores(as) de história?

Nesse sentido, foi realizado um trabalho de pesquisa com dois grupos de alunos concluintes do Curso de Licenciatura em História, em duas Instituições de Ensino Superior de Campina Grande². Optamos por trabalhar com a aplicação de questionários estruturados e que constassem de opções de respostas apresentadas tanto para a observação qualitativa dos dados, bem como quantitativa. Nosso público pesquisado fez o total de 42 discentes, regularmente matriculados, de faixa etária entre 20 e 56 anos, entre homens e mulheres, e residentes em diferentes localidades no entorno da cidade de Campina Grande, nomeadamente entre as microrregiões do brejo, cariri e curimataú e/ou advindos da região sertaneja do estado, mas que já residem na cidade.

QUAL O LUGAR DA HISTÓRIA PARAIBANA?

A história paraibana parece sofrer maior interesse nos Cursos superiores: é aí onde a maioria das pesquisas se desenvolvem e onde de modo mais expressivo ela é apresentada aos alunos(as). Tal observação já havia sido realizada pela historiadora Vilma de Lurdes Barbosa (2006), após apontar a própria falta de interesse ou de mínimo cuidado na produção de materiais didáticos dedicados à História da Paraíba, o que gera grande desconforto entre os professores por se sentirem “despreparados” na ausência de fontes de pesquisa e/ou livros para a elaboração das aulas.

Recente pesquisa orientada pela professora Luíra Freire Monteiro (2016) sobre o conhecimento de História da Paraíba escolas da cidade de Campina Grande, diagnosticava semelhante máxima: embora os(as) professores(as) de história considerem importante trabalhar a temática local, no mais das vezes sentem-se desestimulados pela falta de preparação, de informações aprofundadas e mesmo de condições didáticas na escola para realizarem tal interesse, sequenciando o programa curricular de história, no mais das vezes, a partir do proposto pelo livro didático.

¹ Docente lotado no Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I.

² A pesquisa foi realizada entre os meses de março e abril de 2016, sendo desenvolvida na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Para uma melhor apreensão dos dados obtidos preferimos não realizar uma análise comparativa entre os resultados dos dois grupos pesquisados.

O interesse pela história local é antigo, remontando, segundo Pierre Goubert (1972), o período medieval, cujo maior interesse era descrever as comunidades rurais e as pequenas formações urbanas que despontavam, nominadas como “lugarejos”. Nesse sentido, o interesse pela história local apresentava-se como anterior às histórias nacionais, obviamente porque ainda não gestadas em sua constituição geopolítica. No mais, operava-se a história dos principados, de províncias para, só posteriormente, figurarem as histórias dos reinos e, por conseguinte, das nações.

No Brasil, embora praticada, a história local foi desmerecida pelo interesse de arrojara a ideia de nação. Dessa forma, era o fomento, a descoberta e o sentimento de “brasilidade” que evocava maior atenção entre os governantes, fosse no período monarquista ou republicano. Histórias das províncias ou das federações deveriam, grosso modo, estarem vinculadas ao projeto nacional da identidade brasileira. Para isso, muito contribuíram não apenas os trabalhos dos Institutos Históricos brasileiros, espalhados pelo país afora, bem como, e não menos importante, a educação escolar³.

Parte da justificativa, e talvez a mais primorosa, ao se identificar a importância de trabalhar a história local, consiste no seu apelo subjetivo, na sua condição aproximada de conhecer a realidade estudada. Assim, a história local é correntemente lembrada pela literatura da área do Ensino de História como sendo uma grande incentivadora, promotora e mesmo fundadora das identidades do alunado⁴. Seria ela a opção mais aproximada do cotidiano discente, que despertaria maior atenção, que estabeleceria o endereçamento no mundo e estimularia os laços pertença da comunidade em que se vive. A história local seria, pois, um grande trunfo a ser trabalhado pelos(as) professores(as) de história⁵.

Entretanto, o imbróglcio sobre o conhecimento da história paraibana na formação escolar se apresenta de modo muito evidente entre os próprios grupos aqui pesquisados: os(as) futuros(as) docentes de história. Qual a experiência sobre o conhecimento de história da Paraíba antes de chegar à universidade? Será que eles(as) aprenderam algo na escola sobre a história local? E como a universidade ajudou(ou não) nessa mesma formação? É o que passamos a refletir a partir das amostras pesquisadas.

Quando instados sobre a importância em se estudar história da Paraíba todos foram unânimes em concordar que tal abordagem se faz necessária no Ensino de História, embora fossem diversas as suas justificativas. Para alguns era preciso estudar história da Paraíba já que ela própria é “desconhecida”, por ser “pouco explorada” ou mesmo por haver “carência de saber” sobre o próprio passado.

A maioria das respostas, por sua vez, justificou a importância em se estudar à Paraíba no Ensino de História pelo caráter identitário implícito no ato e diante dos agentes educativos envolvidos. Ou seja, a identidade paraibana foi citada como a principal componente considerada no estudo do passado paraibano, já que o seu conhecimento contribuiria para o próprio reconhecimento enquanto sujeito histórico e pertencente a um lugar específico.

³ Curiosamente, se no Brasil privilegiou-se a História da Nação, foi o século XIX o período de “ouro” da história local, ao menos em Europa, tal como assegura Pierre Goubert (1972).

⁴ No conjunto dessa literatura sobre o Ensino de História sobre a importância do trabalho com a História Local podemos citar, por exemplo, as produções de Selva Guimarães Fonseca (2009), Elison Paim & Vanessa Picolli (2013) e Maria Auxiliadora Schmidt (2009).

⁵ Não é demais lembrar que a discussão em torno da produção da história local segue a mesma compreensão de ser essa opção também uma operação historiográfica, assim como havia alertado Sandra Cristina Donner (2012). Sobre a produção da história local também incide a preocupação em identificar a opção pela “redução da escala de observação” como proposta por Jacques Revel, bem como sugerindo uma mudança de olhar do historiador ao tratar os lugares de modo “desnaturalizado” ou definido por condicionantes “geopolíticos”, interessado mais na “leitura cultural dos espaços” e suas relações de identidade e pertença. A propósito ver Márcia de Almeida Gonçalves (2007).

Da relação entre estudar história da Paraíba e a constituição da identidade local, podemos depreender das amostras significativas afirmações. Alguém lembrou a importância de se estudar história da Paraíba para “*situar os atores sociais a partir da história do seu lugar*”. Já outro(a) lembrava a importância em “*se localizar no espaço onde se mora, onde se vive, para a formação da própria cidadania*”.

Ainda encontramos muitas afirmações centradas e justificadas a partir da própria individualidade identitária e histórica. Assim, foram correntes respostas para a importância em se estudar história da Paraíba, tais como para “*se conhecer o passado e a si mesmo*”, para se credenciar a “*conhecer um pouco mais da sua própria história*”, “*para podermos compreender a nós mesmos*”.

De modo mais alongado, o seu estudo também foi assim justificado: “*Fazer o estudo sobre a Paraíba é constituir a própria historicidade dentro de uma perspectiva da história dentro do seu espaço e do seu tempo, fazendo uma leitura do seu papel em busca de conhecer sua própria identidade*”, logo que, acrescenta outra afirmação, “*não conhecer a história do estado em que você nasceu é está inserido em um lugar que você desconhece, é ignorar a sua própria origem*”.

Quando questionados(as) se aprenderam história da Paraíba ainda na escola, os resultados mostraram-se bastante equilibrados, sendo 22 os informantes que afirmaram não terem aprendido história da Paraíba na escola, enquanto 20 pessoas garantiram terem visto algo sobre o passado paraibano na sua experiência escolar. Do primeiro grupo, a resposta categórica ao questionamento foi apenas a resposta “*não*”, sem qualquer comentário a respeito. Poucos ainda emitiram alguma opinião ao dizer que “*não tiveram essa oportunidade*”, que “*não havia materiais sobre o assunto na escola*” ou simplesmente que os professores “*preferiam trabalhar apenas a história do Brasil*”, compreendendo, assim, que a Paraíba não fazia parte da unidade nacional.

Curiosamente, entre o público que afirmou ter estudo algo sobre a Paraíba nas aulas de história, foi unânime em apontar que essa mesma experiência havia sido “*insuficiente*”, “*pouco aprofundada*”, ou vista de modo “*pouco explorado*”, que ela foi trabalhada “*com muitas queixas por falta de fontes*”, de modo “*muito relapso e sem compromisso*” ou ainda que “*foi quase nada*”, sendo apenas na academia que haviam “*suprido*” essa “*deficiência*” de saber. Logo, deduz-se que, embora seja afirmado que houve algum interesse durante os anos escolares em se trabalhar o conhecimento histórico sobre a Paraíba, esse se apresentou na sua vida de estudante como algo deficiente ou insatisfatório, quando não mesmo distante, posto que lembrado como uma experiência vivida na distante disciplina de estudos sociais, ainda durante o ensino infantil(!).

Sequencialmente, foram introduzidos em nosso questionário quatro itens objetivos e que procuraram esclarecer o próprio grau de satisfação sobre o conhecimento de história da Paraíba, bem como interrogações sobre a própria segurança profissional diante desse conhecimento, o que pode ser demonstrado a partir dos seguintes gráficos:

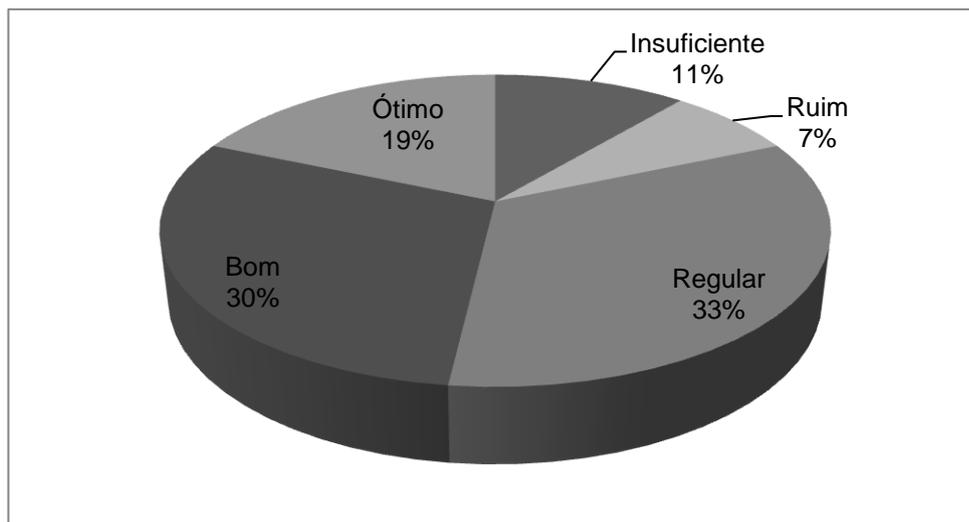


Gráfico 1: Grau de satisfação sobre o próprio conhecimento de história da Paraíba

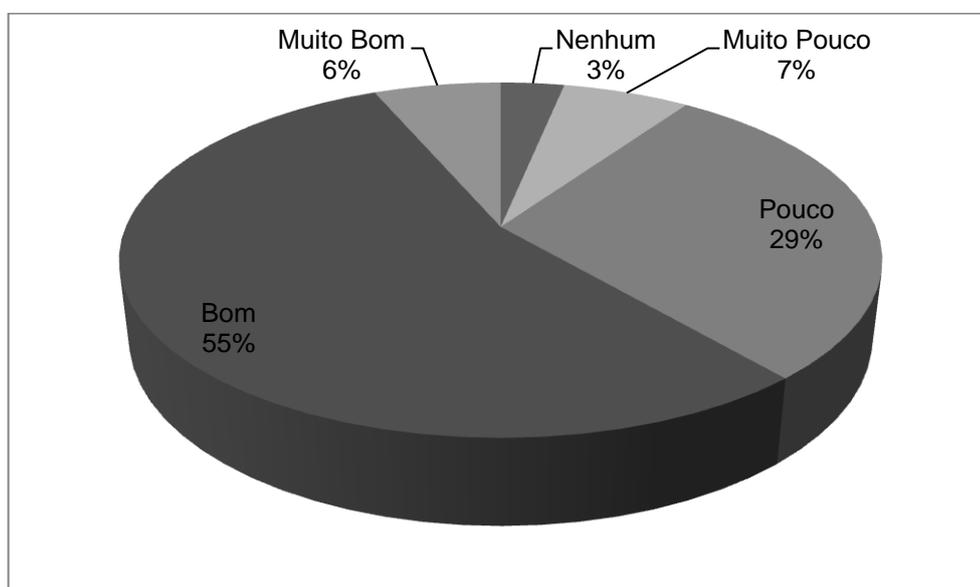


Gráfico 2: Nível de segurança para trabalhar na docência com os conteúdos de história da Paraíba

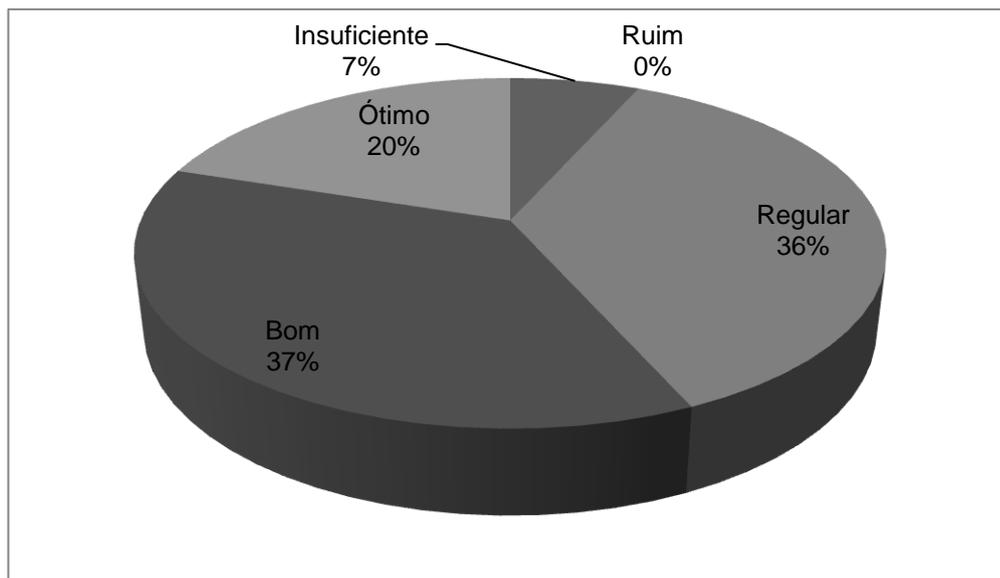


Gráfico 3: Grau de satisfação sobre a formação universitária em história da Paraíba

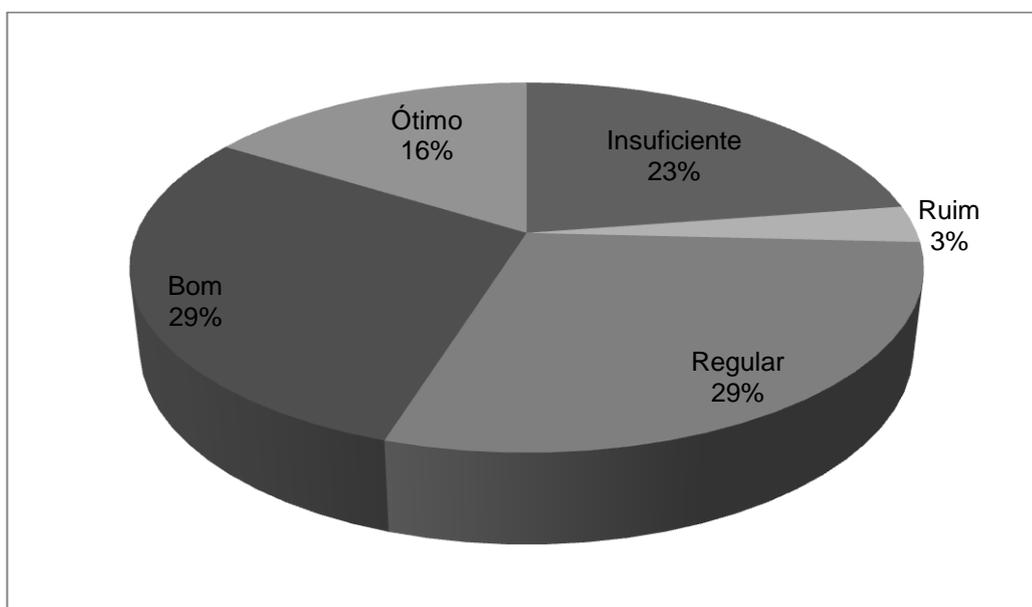


Gráfico 4: Grau de classificação sobre a suficiência da carga horária do componente curricular História da Paraíba na formação acadêmica.

A partir da leitura do Gráfico 1 é possível compreender que a maioria dos(as) entrevistados(as) julgam possuir um conhecimento satisfatório sobre história da Paraíba, embora seja preocupante que o outro levante estatístico apresente-nos discentes que consideram a sua satisfação com esse saber como “regular” e mesmo “insuficiente” ou “ruim”. A amostra, nesse sentido, nos leva a refletir sobre a própria experiência dos entrevistados enquanto alunos(as), bem como na sua futura atuação docente, onde estes trabalharão (ou não) o conhecimento histórico a partir do recorte local. Logo, independente da experiência ulterior à academia, estariam os(as) discentes bem instruídos sobre o conhecimento histórico local?

Tal apreensão talvez seja minorada a partir da leitura do Gráfico 2, quando questionados(as) sobre a própria segurança em se trabalhar o conhecimento histórico sobre a Paraíba. Mais da metade dos entrevistados(as) julgam-se seguros para atuarem com os conteúdos e/ou abordagens do recorte local, embora uma parte significativa considere-se com “pouca” ou “muito pouca” segurança nessa atuação. Considerando que na grade curricular dos

e-ISSN: 2359-2796, v. 17, n. 1, 2016. XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB

dois públicos pesquisados encontra-se como exigência na sua formação o estudo do componente curricular “História da Paraíba”, desconcerta-nos observar que 3% dos(as) entrevistados(as) considerem-se sem nenhuma segurança em atuar com tal conhecimento, o que pode ser lido como algo específico ao recorte local, ou, talvez, apenas compreendido como certo receio em assumir a carreira docente, diante do “pavor” de exercer a docência.

Tais reflexos iluminam, de certa forma, a análise do Gráfico 3 sobre o grau de satisfação da própria formação universitária no que concerne ao conhecimento de história da Paraíba. A maioria dos(as) entrevistados(as) consideram “boa” ou mesmo “ótima” a própria formação diante desse conhecimento, embora quase o mesmo quantitativo dos que considerem “boa” essa satisfação, a julguem como algo “regular” (36%) e mesmo “insuficiente” (7%), não registrando nenhum cômputo na amostra que tenha considerado “ruim” esse grau de satisfação, o que reforça, talvez, a necessidade de melhor observar a formação desses futuros(as) professores(as), precisamente no que concerne a uma melhor qualificação, especialmente no que tange ao conhecimento histórico sobre a Paraíba, e que não deve restringir-se apenas ao componente específico para tal fim.

Essa constatação se mostra mais clarificada após a leitura do Gráfico 4, e que verificou a classificação sobre o grau de satisfação referente à carga horária trabalhada pelo componente curricular “História da Paraíba” durante a formação acadêmica. Nesse gráfico se observa que, caso seja somadas as amostras estatísticas, um pouco mais da metade do público pesquisado considera “regular” e mesmo “insuficiente”, bem como “ruim” a carga horária do componente curricular, o que sugere alguma reflexão na direção de considerar que o anseio dos entrevistados(as) ao cursar a disciplina não seja correspondido satisfatoriamente. Embora sejam expressivas as assertivas que consideram a carga horária como “boa” e mesmo “ótima”, o dado indicado como insuficiente, apenas isoladamente (só ele computado com 23%), incite alguma análise que considere uma maior necessidade no dilatamento das horas trabalhadas com tal conteúdo específico de história da Paraíba.

Entre uma ou outra resposta sem aparente coerência, ao serem instados sobre quais eram os desafios apontados para se trabalhar história da Paraíba em sala de aula, a maioria dos(as) entrevistados(as) apontaram a “falta de fontes” e mesmo de livros e outros materiais didáticos para a produção do conhecimento. Tal informação nos adverte para a compreensão da própria produção do conhecimento histórico enquanto uma operação científica, mediada por profissionais e também autorizada por esses. Ao se indicar o uso de fontes, por exemplo, para a produção da história local, atentamos para a profissionalização dessa mesma história, preocupação que mostra prioritária nessa área de estudo.

Além da falta de livros e materiais didáticos indisponíveis na escola, ou mesmo inexistentes no mercado, outros fatores foram agregados como desafiadores para a promoção do ensino de história da Paraíba, tais como o “engessamento” do currículo escolar que não contempla interfaces com a história local, posto que os próprios(as) professores(as) apenas sequenciam o seu programa pautado na ordem do livro didático, ou até mesmo a falta de incentivo das academias em promover cursos, publicações ou debates sobre o tema, o que serviria de estímulo ao conhecimento da história local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do levantamento demonstrado, e embora seja preciso maiores investimentos de pesquisa diante da abordagem proposta, podemos assegurar que a história local, aqui instada como história da Paraíba, é reconhecida como recorte de grande importância no quadro do currículo escolar, cuja promoção está assentada, justamente, na sua condição de ser fundadora ou formadora da identidade local/regional. O apelo, pois, em conhecer o passado da Paraíba

se justificaria a partir dos usos da memória, do reconhecimento das diferenças culturais e das afirmações identitárias.

Também foi possível reconhecer o importante papel desenvolvido pela formação profissional diante do público pesquisado: embora muitos(as) tenham “estudado” história da Paraíba no período escolar de nível fundamental ou médio, tais experiências foram descritas como sendo um aprendizado deficiente, insuficiente, quase nulo. Coube à academia, nesse sentido, uma aprendizagem mais aprofundada e mais alargada sobre o passado paraibano. Entretanto, não poucos foram os dados que indicam uma necessidade em melhorar, não apenas a cartela temática a ser ensinada na academia, mas a sua própria duração, posto que considerada ainda pouca ou insuficiente em sua carga horária.

Diante da amostra dessa pesquisa, talvez se visibilize a pouca segurança que muitos(as) entrevistados(as) demonstraram em se trabalhar a história da Paraíba na sala de aula. Por isso, supomos, a própria indicação dos desafios em se trabalhar a história local no Ensino de História sejam lembrados pela falta de materiais didáticos e mesmo de fontes de pesquisa que auxiliem os professores no preparo das aulas, ou de atividades acadêmicas que incentivem uma melhor formação na área de estudo. Afinal de contas, a docência afigura-se como o instante de autonomia profissional e mesmo de certo distanciamento das produções/atividades acadêmicas após concluídos os estudos nesses cursos de formação de professores.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Vilma de Lurdes. Ensino de História Local: redescobrimo sentidos. **Saeculum – Revista de História**: João Pessoa, 2006.

DONNER, Sandra Cristina. História Local: discutindo conceitos e pensando na prática. O histórico das produções no Brasil. In: **XI ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: história, memória, patrimônio**. Anais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2012, p. 223-235.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar História**. Selva Guimarães Fonseca, Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. História Local: O reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: MONTEIRO, A. M. F. C.; GASPARELLO, Arlete M., MAGALHAES, Marcelo de S.(orgs). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007.

GOUBERT, Pierre. **Local History. IN: Historical Studies Today**. Ed. by Felix Gilbert and Stephen R.Graubard. New York Norton & Co., 1972.

MONTEIRO, Luíra Freire; SANTOS, Isabel Thamires Pereira dos. História local, identidade e patrimônio no Ensino de História: aplicabilidade e distorções em escolas de Ensino médio da rede pública estadual de Campina Grande. **Relatório final apresentado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica**. Campina Grande, Universidade Estadual da Paraíba. 2016.

PAIM, Elison; PICOLLI, Vanessa. Ensinar história regional e local no ensino médio: experiências e desafios. IN: **História & Ensino**. Londrina. V. 13: 107-126. Setembro de 2013.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.